

OFICINA “VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE RACISMO AMBIENTAL?”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

KIARA TEIXEIRA PINHEIRO¹; MARINA SOARES MOTA²

¹Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As desigualdades sociais atingem o endereço de populações específicas no Brasil, impactando diretamente sua qualidade de vida devido a sua correlação com o acesso à saúde e a moradia junto aos outros direitos sociais descritos na constituição brasileira (BAPTISTA; SANTOS, 2022). Logo, evidencia-se a necessidade de reconhecimento do racismo ambiental como determinante na garantia desses direitos, além de compreender seus efeitos na sociedade brasileira, sobretudo na população negra, indígena e quilombola.

Ainda no mesmo sentido, no período de 2008 a 2019, foram notificados 11.881.430 casos de Doenças Relacionadas com o Saneamento Ambiental Inadequado (DRSAI) no Brasil, com 4.877.618 internações no Sistema Único de Saúde (SUS) (IBGE, 2021). Ademais, cerca de 43,4% da população preta ou parda enfrenta a ausência de esgotamento sanitário por rede coletora ou pluvial de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018).

Logo, torna-se evidente a necessidade de racialização do olhar dos profissionais da saúde e da população em geral a respeito da relação entre o saneamento ambiental e a saúde dessas populações mais vulnerabilizadas, a fim de fornecer a elas um atendimento de qualidade, visando também encontrar práticas efetivas de mudança para esse cenário.

Diante do exposto, o Projeto de Extensão “Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde” (Coletivo), ofereceu por meio de uma de suas integrantes uma oficina aberta ao público acerca do tema Racismo Ambiental - “Você já ouviu falar de Racismo Ambiental”, visando trazer a discussão acerca dessa temática para o espaço acadêmico e para o público em geral.

2. METODOLOGIA

Este resumo trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, a partir da oficina “Você já ouviu falar de Racismo Ambiental” ofertada pelo Coletivo, mediada por uma aluna negra do terceiro semestre do curso de enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e integrante do projeto.

A idealização da oficina se deu através de uma integrante do coletivo junto a atual coordenadora do projeto de extensão. Para a construção da oficina a mediadora utilizou-se do relato de experiência própria, interligando suas vivências

nos estágios nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) com os dados estatísticos encontrados na literatura, tornando como base para discussão o artigo - Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um *continuum* colonial chamado racismo ambiental (JESUS, 2020).

A oficina teve sua realização dividida em duas abordagens, em um primeiro momento foi projetada uma apresentação explorando o termo racismo ambiental, suas correlações e os dados estatísticos relacionados ao tema. Já no segundo momento ocorreu a abertura do espaço para a discussão da temática junto aos outros integrantes do coletivo e ao público externo presente. O evento foi realizado no dia 24 de agosto, de forma presencial e aberto para a comunidade em geral, nas dependências da UFPel, no Campus II. A divulgação foi realizada através das redes sociais do Coletivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da atividade foi apresentado tópicos variados acerca do Racismo ambiental, como a discussão da origem do termo pelo ativista dos movimentos dos direitos civis dos Estados Unidos Benjamin Chavis, o histórico do descaso com a saúde da população negra desde o período colonial e os questionamentos e comparações da realidade vivenciada por essa população no passado e no presente.

A realização da oficina possibilitou a criação de um espaço de troca e discussão dentro da instituição universitária, por meio da atividade foram levantados diferentes relatos de pessoas negras presentes que já se sentiram e que ainda se sentem afetadas pelo racismo ambiental. Além de também ter levantado espaço para estudantes e profissionais da área da saúde trazerem suas vivências nos ambientes de estudo e de trabalho, enriquecendo ainda mais a discussão. Assim, criou-se um espaço muito proveitoso de troca e principalmente de acolhimento, entendendo a importância de reconhecer o racismo e todas as suas subdivisões como agente determinante na qualidade de vida da população.

Sendo assim, constitui-se um desafio e dever primordial da saúde coletiva a identificação das relações existentes nos processos determinantes sociais de acesso à saúde, compreendendo o racismo como uma das bases das desigualdades sociais no Brasil e também como determinante no acesso à saúde (ANUNCIAÇÃO *et al.*, 2022). Ainda hoje, grande parte da população negra brasileira enfrenta condições sanitárias semelhantes à época do Brasil Colonial, é como se morrer fosse o destino dessa população na infância e na velhice por falta de saneamento básico e na juventude pela necropolítica (JESUS, 2020).

Logo, deve-se compreender o racismo como determinante na qualidade de vida da população negra, tendo em vista que o mesmo está interligado as questões que envolvem a moradia, o trabalho, as relações, e consequentemente a saúde física e mental da população negra. O que torna dever da população e principalmente dos profissionais da área da saúde a discussão sobre esse tema,

visando a construção de um olhar atento e crítico frente ao processo saúde-doença dessa população. Ademais, deve-se destacar que o racismo ambiental não se refere apenas às ações que possuem uma intenção racista, mas também às ações que têm um impacto racista (JESUS, 2020). Portanto, fica evidente a nossa responsabilidade como cidadãos em reconhecer e debater a existência dessas estratificações e buscar práticas efetivas de mudança, visando garantir uma boa qualidade de vida a toda a população.

Além disso, deve-se destacar a importância dos projetos de extensão nesse processo como meio propagador de trocas e conhecimento, especialmente acerca de temas que não são tratados no currículo dos cursos universitários e que são pouco discutidos junto a comunidade, possibilitando momentos como esse vivenciado na oficina. Ademais, devo destacar a relevância desses momentos de atividades de extensão para nós, estudantes negros dentro da academia, isso porque na maioria das vezes nos sentimos invisibilizados dentro dos espaços de ensino, dentro das nossas próprias relações dentro da universidade, portanto ter esse espaço de fala e destaque foi profundamente transformador e impulsionador na minha construção como mulher negra e também como estudante da área da saúde.

4. CONCLUSÕES

Dessa forma, conclui-se a efetividade da oficina em propiciar um ambiente de discussão acerca do Racismo Ambiental dentro do ambiente acadêmico, espaço inexistente na grande maioria das vezes dentro das instituições de ensino. Além disso, deve-se destacar a relevância do momento para o despertar da população acerca dos impactos das desigualdades sociais, visando a construção de um olhar crítico e atento na busca de práticas antirracistas. Por fim, enfatizo a importância desses momentos no âmbito pessoal, tendo em vista que como mulher negra, estudante de um curso da área da saúde sinto que poucos são os espaços existentes dentro da academia para a discussão do impacto do racismo na saúde da população brasileira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUNCIAÇÃO, D. et al. (Des)caminhos na garantia da saúde da população negra e no enfrentamento ao racismo no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.27, n.10, p. 3861-3870, 2022.

BAPTISTA, A. C. S; SANTOS, I. P. O. O racismo ambiental na metrópole paulistana: entre os becos e vielas de São Paulo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v.14, n. edição especial, p. 141-159, 2022. Acessado em: 7 set. 2023. Online. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1352>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise de condições de vida. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Acessado em 7 set. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas de saneamento espacializa dados relacionados a meio ambiente e saúde.** Agência IBGE notícias, 24 nov. 2021. Acessado em 7 set. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32304-atlas-de-saneamento-espacializa-dados-relacionados-a-meio-ambiente-e-saude>.

JESUS, V. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um *continuum* colonial chamado Racismo Ambiental. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.29, n.2, e180519, 2020.